

**O GUARANI E A INTERDISCIPLINARIDADE**

*Raquel Naveira*

[raquelnaveira@oi.com.br](mailto:raquelnaveira@oi.com.br)

**RESUMO**

A palavra "Guarani" designa membro da família dos guaranis, população indígena da América do Sul, que faz parte do grupo mais vasto dos tupis-guaranis e o idioma guarani. O ensaio conta um pouco da história dos guaranis e do programa Kaiowá/ Guarani desenvolvido pela Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, visando à melhoria das condições dos indígenas guaranis e a preservação de sua cultura, nas aldeias e cidades daquele Estado, notadamente na região da Grande Dourados. A autora apóia o ensino da língua guarani nas aldeias e propõe o estudo da temática guarani nas escolas.

**Palavras-chave:** Educação; Interdisciplinaridade; Povo guarani; Idioma guarani

A palavra *Guarani* designa o membro da família dos guaranis, população indígena da América do Sul, que faz parte do grupo mais vasto dos tupis-guaranis e o idioma dos guaranis.

Os guaranis são de origem antilhana, ocuparam todo o Brasil do sul do Amazonas, penetrando também no Paraguai, na Bolívia, na Argentina e no Uruguai. Há divergências sobre a marcha seguida por este povo. Alguns afirmam que penetraram o Brasil através do curso do rio Paraguai. Lembramos que inicialmente o rio era chamado "Paiguai", pela definição guarani, por ser navegado pelos hábeis canoeiros Paiguás, ribeirinhos que controlavam o rio Paraguai, definição castelhana. Na época da expedição de Pêro Lopes de Sousa ao Brasil ao estuário do Prata, ocupavam a região litorânea entre Cananéia e a lagoa dos Patos, estendendo-se para o oeste até ao vale Paraguai-Paraná. Da antiga população guarani subsistem uns poucos grupos nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo, mas constituem a grande maioria da população do Paraguai e do Território das Missões.

Os guaranis desempenharam papel importante na história da colonização européia do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A aldeia dos guaranis era constituída de uma a quatro grandes cabanas retangulares, malocas sólidas, cobertas de palha, podendo abrigar uma família constituída de cerca de cem pessoas.

As cabanas eram dispostas de forma irregular. O povoado era cercado por altas paliçadas destinadas a protegê-los de algum ataque.

Suas armas eram arcos, flechas, tacapes. Cultivavam algodão, mandioca, batata, feijão, ananás, fumo. Fabricavam utensílios de barro. Preparavam bebidas fermentadas com mel silvestre e sucos vegetais. Fumavam folhas de tabaco enroladas como cigarro e em cachimbos. Usavam a erva-mate com fins religiosos.

Acreditavam num ente supremo, nos espíritos, praticavam feitiçaria. O canibalismo tinha caráter mágico. Os guerreiros e os feiticeiros usavam adornos de penas, braceletes, diademas, cintos, mantos.

As tribos desfrutavam de independência, mas elegiam chefes que iam representá-los nas assembléias confederativas de guerreiros.

Quanto ao idioma guarani, pertence ao grupo lingüístico do tupi-guarani. É o dialeto meridional “aba ñ eeme”, que se confinou ao Paraguai e à província argentina de Corrientes. O guarani moderno conserva muitas formas essenciais de antigas línguas, mas sofreu a influência espanhola.

Os paraguaios constituem um povo com formação étnica homogênea, descendendo de índios guaranis e colonizadores espanhóis, que se cruzaram. Subsistem índios em pequeno número, principalmente algumas tribos do Chaco, mas a cultura guarani reflete-se nas mais diversas formas de vida paraguaia. A maior parte dos habitantes é bilíngüe, falam guarani e espanhol, sendo esta a língua oficial.

A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), na área de pesquisa, desenvolve o Programa Kaiowá/Guarani, um estudo em defesa da vida, visando à melhoria das condições dos indígenas guaranis e a preservação de sua cultura, nas aldeias e cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, notadamente na região da Grande Dourados.

O Programa foi dividido em sub-áreas: localização das aldeias, comportamento, ocupação tradicional e conceito de posse; recuperação dos recursos naturais; e produção alimentar; educação indígena e saúde preventiva. Na sub-área *Educação Indígena*, a principal preo-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cupação é a construção de uma escola diferenciada, que responda às expectativas dos Kaiowá/Guarani. Situam-se nesta sub-área os seguintes projetos: *A construção de um referencial novo e diferenciado da escola Kaiowá/Guarani na região da Grande Dourados*, do professor José Manfrói e *Educação bilíngüe, guarani-português nas escolas indígenas Guarani/Kaiowá da região da Grande Dourados*, do professor Antônio José Filho.

Concordo plenamente com a posição defendida pelos professores: a criança indígena deve ser alfabetizada em sua língua materna, o guarani e, só depois, na sua segunda língua, o português, que lhe permitirá conhecer e sobreviver na sociedade envolvente. É necessário valorizar o guarani, instrumentalizar professores indígenas para essa tarefa.

Coloco aqui a necessidade da sociedade envolvente, das escolas das cidades de Mato Grosso do Sul que convivem com o índio no seu cotidiano, nas ruas, nas feiras, nos mercados, na periferia, nas fronteiras, também estudarem e conhecerem a civilização, a história, a cultura e a língua guaranis.

Só se ama e se respeita o que se conhece. Numa região como a nossa, em tempos de MERCOSUL, é preciso formar uma identidade voltada para a América Latina. Temos muitas afinidades. Temos alguma alegria e muitas amarguras a compartilhar. Amarguras que, ao invés de nos irmanarem, nos distanciaram ainda mais.

Levanto uma questão de Estética. Estética é a ciência do Belo. Conhecemos, respeitamos, amamos uma determinada cultura por percebermos o seu valor intrínseco, profundo e humano. Toda língua é manifestação de Beleza única e insubstituível. Todo o idioma reveste de forma singular o pensamento e a sensibilidade de um povo.

Quando se valoriza e respeita a DIVERSIDADE caminhamos para uma UNIDADE fraterna e conciliadora.

Em três dos meus livros, escrevi sobre a língua guarani. No infante-juvenil, *Pele de Jambo*, no capítulo *Guarani*, conto como a menina Rutinha, na cozinha de uma fazenda da cidade de Bela Vista, fronteira do Paraguai, ouvia as mulheres conversando em guarani e ia descobrindo o fascínio e o significado de alguns vocábulos, ao som das polcas e das guarânias.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No livro de ensaios, *Fiandeira*, no capítulo *Nomes Guaranis* escrevi sobre minha paixão pelo guarani e a gênese de alguns de meus poemas que nasceram de palavras guaranis.

No romanceiro *Guerra entre Irmãos – Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*, há o poema *Comunicação*, que expõe a riqueza das três línguas envolvidas na triste guerra: português, espanhol e guarani. Transcrevo aqui o referido poema:

A comunicação na guerra  
É feita de gritos,  
Brados,  
Ordens imperativas,  
Delações,  
Intrigas,  
Sussurros.

As mensagens vêm em bilhetes,  
Cartas seladas,  
Asas de beija-flores,  
Cascas de árvores,  
Folhas de fumo  
E chegam aos ouvidos  
Que viram conchas,  
Abas de gramofone.

Nesta guerra as línguas se fundem,  
Amalgam-se  
Como desenhos singelos  
Em vasilhames úmidos,  
Como saliva no pântano das bocas:  
Língua portuguesa,  
Galega,  
Galaica,  
Com gotas do Tejo e do Minho,  
Aroma de carvalho e vinho,  
Lirismos de amor e amigo;  
Língua espanhola,  
Andaluza,  
Castelhana,  
De termos árabes,  
Trazida nas caravelas de Colombo,  
Perpetuada nos sonhos de Dom Quixote;  
Língua guarani,  
Língua sagrada do tronco tupi,  
Espalhada pelo Paraguai,  
Por Corrientes,  
Pelas cabanas de grossos paus

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cobertos de barro.  
Na guerra, irmão mata irmão,  
Não há comunicação.

A proposta é que os educadores de Mato Grosso do Sul, professores de português, história, geografia, expressões artísticas, trabalhem a temática guarani com seus alunos, em atividades interessantes, lúdicas, poéticas.

Fica em aberto também a proposta de se escrever um livro de embasamento para o estudo da temática guarani nas escolas. Um livro composto dos seguintes capítulos: histórico dos guaranis; glossário de palavras guaranis (frutas, animais, lendas, objetos...); lista de topônimos, ou seja, nomes de rios, cidades, fazendas e outros acidentes geográficos da região sul-mato-grossense; fotografias da arte indígena; estudo da música guarani e do cancionero paraguaio.

No livro *Meus Haicais*, do professor J. Barbosa Rodrigues, em que o autor utiliza a delicada arte japonesa de sintetizar uma idéia poética em apenas três linhas, para definir e explicar os nomes das cidades de nosso Estado, encontramos preciosidades como a significação de alguns vocábulos guaranis que nomearam nossas cidades: Camapuã – tímidos seios; Caarapó – raiz de erva; Nhu-verá – campo brilhante; Nioaque – clavícula quebrada.

Relato uma experiência didática realizada com a turma dos acadêmicos da Melhor Idade da UCDB, um projeto voltado à comunidade idosa, onde são ministradas aulas de Literatura Brasileira.

Utilizando o dicionário *Português-guarani*, de autoria de Terutiano Amarilha, foram selecionados vocábulos e/ou expressões guaranis com seus respectivos significados em português: água – y ; poça d'água – y no'ó; aurora – arco co'ê; abelha – cava; algodão – mandy yu; alguém – peteí; aluno – temimbo'é; amarelo – sa'y yu; amor – mborayjhú; antepassado – tamói; andorinha – mby yu'é; árvore – yvyrá; aroma – tyacuã; asa – pepó; azeitona – tarumã-á; anoi-tecer – pyteimby; baile – yeroky; banana – pacová; bambu – tacuapí; beira de rio – y rembe'y; barro – tuyu; belo – porã; boca – yuru; borboleta – panambi; bolo de polvilho – kyrupé; beija-flor – mainumby; bezerro – vacá'ra'y; branco – moroti; brilho – verá; brisa – yvytu pô i; bruxa – cuña payé; cabeça – acã; cabelo – tagué; cachoeira – y tororó; cama – tupá; campo – ñu; cana-de-açúcar – taquare'ê; canoa –

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ygá; caranaúba – caranda'y; casa – oga; cavalo – rendá; sol – cuara-jhy; sabiá – jhavia; estrela – mby yá; sangue – tuggy; sapo – cururu; cesto de vime – ayacá; céu – tupasy retã; cobra – mboi; colina – yvy ty mi; cuia – ca'y guá; cacique – avá runichá; lua – jacy; sorte, boa estrela – po'á; fogo – tatá; flor – poty; mãe – sy.

Escreveram-se em papezinhos frases como: *Oga* em guarani significa “casa”; *Panambi* em guarani significa “borboleta”; *Tatá* em guarani significa “fogo”. A seguir, os acadêmicos sortearam um papelzinho e produziram um texto a partir da palavra sugerida. Expliquei que deveriam escrever algo relacionado ao significado da palavra em guarani: um comentário, um sentimento despertado, uma lembrança, uma recordação, um vestígio. Se pudessem colocar no texto elementos de ambientação indígena, melhor.

Os acadêmicos da Melhor Idade possuem mais de 50 anos, sabem ler e escrever, porém têm escolaridade heterogênea. Alguns possuem curso de nível superior, outros não concluíram o 1º grau. Não foram levados em conta erros ortográficos e de concordância. O que vale nas aulas é o deixar fluir a emoção, é beber da fonte da criatividade e do prazer de sonhar. Os acadêmicos são orientados também para que desenhem, ilustrando suas idéias, outra forma lúdica de expressão.

Os idosos são muito melancólicos, voltam-se para o tesouro de sua memória. Transcrevo algumas produções dos acadêmicos da Melhor Idade:

– *Oga* em guarani significa “casa”.

Como para todos nós que vivemos na cidade, a casa para os índios é um porto seguro, um sinal de vitória. Não há ser humano que não fique feliz ao possuir seu próprio teto. É em nossas casas que nos reunimos com a família e passamos os melhores momentos de nossas vidas.

Os índios moram em ocas que são feitas de madeira e palha e são nelas também que se reúnem para decidirem os rumos da tribo.

– *Ñu* em guarani significa “campo”.

Os campos da fazenda Vista Alegre, onde estão minhas raízes, são tão vastos e planos, que ao longe se unem com o céu. Campos floridos, ora verdes, ora acizentados, conforme a estação do ano.

– *Tuyu* em guarani significa “barro”

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O barro, matéria-prima para tantas coisas importantes: telha, tijolo, utensílios, potes, cerâmicas. Tudo tirado do barro.

– *y rembe'y* em guarani significa “beira de rio”.

– *Y rembe'y...* beira de rio, lugar convidativo para uma boa pesca, para meditar e curtir as belezas da natureza.

– *Tatá* em guarani significa “fogo”.

O fogo nos faz lembrar várias comemorações; o dia de São João é comemorado com a fogueira.

Em muitos acontecimentos festivos são usados fogos de artifício, sendo cada um mais belo que o outro.

Também os índios gostam muito de usar o fogo, eles dançam em volta do mesmo para festejarem suas vitórias e suas crenças.

– *Pacová* em guarani significa “banana”.

Lembrei quando era criança, em minha cidade, Poconé, tinha uma índia que diariamente batia à nossa porta com um balaio de bananas na cabeça para vender.

O nome dela era Maricota. Que saudades!

– *Po ' á* em guarani significa “sorte”, “boa estrela”.

– *Faz-me lembrar do romance Iracema, de José de Alencar, onde figura a pessoa do Araquém que previa a triste sorte da sua tribo. Araquém era o conselheiro do seu povo.*

– *Kyrupé* em guarani significa “bolo de polvilho”.

– *O significado de Kyrupé em guarani é bolo de polvilho, ele é feito de mandioca, que, depois de ralada a sua raiz, é extraído o polvilho, um processo muito trabalhoso.*

– *Em seguida é usado para fazer bolos, chipas, tapioca etc. Em Mato Grosso a mandioca, “aipim”, os bolos de polvilho são tradições culinárias.*

Todas as produções ficaram líricas, poéticas, simbólicas. Fizemos um mural colando as produções misturadas a ilustrações sobre índios e natureza.

O professor pode levar música para a sala de aula: polcas e guarânias. Músicas para ouvir simplesmente, dançar, coreografar, dramatizar, ler, traduzir, analisar, interpretar. Letras em espanhol ou em guarani falando da pátria, da amada, da natureza, da terra, da á-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

gua, da América Latina. Sugerimos o CD “La Carreta” de nossa saudosa cantora, Jandira, da dupla Jandira e Benites. Jandira cantou com sua voz potente e seu talento dramático canções inesquecíveis como *Vila Guilhermina*, *Passionaria*, *Che pyharé Momyri*, *Galopera*, *Panamby Jerovy* e tantas outras do cancionero paraguaio que tocam profundamente a nossa alma de fronteira.

Este trabalho interdisciplinar pode ser desenvolvido com alunos de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade. Um trabalho que despertará para a beleza da cultura guarani; para o autoconhecimento a partir do estudo de nossas raízes, da etnia de nosso povo; para o respeito e a valorização de nossa identidade latino-americana e ameríndia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Tertuliano. *Dicionário português-guarani*. Cuiabá-MT, 1994.

JANDIRA e BENITES. *La Carreta*. Compact Disc.  
*Jornal da UCDB*, abril/98 ano XII, nº 3

NAVEIRA, Raquel. *Fiandeira*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

———. *Guerra entre irmãos* – poemas inspirados na Guerra do Paraguai. 2ª ed. Campo Grande/MS: Gráfica Ruy Barbosa, 1997.

———. *Pele de jambo*. Belo Horizonte: RHJ, 1996.